



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO EM HISTÓRIA LOCAL
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE HISTÓRIA LOCAL:
SOCIEDADE, EDUCAÇÃO E CULTURA

PEDRO HENRIQUE COSTA PESSOA

**A TEATRALIZAÇÃO DA MORTE: IMAGENS DO PODER NO VELÓRIO DE
EPITÁCIO PESSOA CAVALCANTI DE ALBURQUEQUE (1951)**

CAMPINAGRANDE

2020

PEDRO HENRIQUE COSTA PESSOA

**A TEATRALIZAÇÃO DA MORTE: IMAGENS DO PODER NO VELÓRIO DE
EPITÁCIO PESSOA CAVALCANTI DE ALBURQUEQUE (1951)**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Estudos de História Local: Sociedade, Educação e Cultura, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio.

Linha de Pesquisa: Política, instituições e identidades

Campina Grande- PB
2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P475t Pessoa, Pedro Henrique Costa.

A teatralização da morte [manuscrito] : imagens do poder no velório de Eptácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (1951) / Pedro Henrique Costa Pessoa. - 2020.

18 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Estudos de História Local, Sociedade, Educação e Cultura) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2020.

"Orientação : Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio , USP - Universidade de São Paulo ."

1. História da Paraíba. 2. Política no Brasil. 3. Teatralização. I. Título

21. ed. CDD 981.33

PEDRO HENRIQUE COSTA PESSOA

**A TEATRALIZAÇÃO DA MORTE: IMAGENS DO PODER NO VELÓRIO DE
EPITÁCIO PESSOA CAVALCANTI DE ALBURQUEQUE (1951)**

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em
Estudos de História Local: Sociedade, Educação e
Cultura, em cumprimento às exigências para
obtenção do título de Especialista.

Data da avaliação: __15__ / __07__ / __2020__

Nota: __9,0__

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio (UEPB)

(Orientador)



Prof. Dr. Iordan Queiroz Gomes (UEPB)

(Examinador Interno)



Prof. Me. Robson Victor da Silva Araújo (SEP/USP)

(Examinador Externo)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. EPITÁCIO: FILHO, POLÍTICO E AMIGO.....	8
3. A MORTE DE EPITACINHO: REPERCUSSÃO	11
4. A DESPEDIDA TEATRALIZADA: DO VELÓRIO AO ÚLTIMO ADEUS.....	13
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
6. REFERÊNCIAS	24

A TEATRALIZAÇÃO DA MORTE: IMAGENS DO PODER NO VELÓRIO DE EPITÁCIO PESSOA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE (1951)

Pedro Henrique Costa Pessoa¹

RESUMO

Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque nasceu no Rio de Janeiro, em 22 de junho de 1911, filho de João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque e Maria Luísa Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. Seu tio-avô, foi presidente da República de 1919 a 1922. Seu pai, presidente da Paraíba de 1928 a 1930 e candidato derrotado à vice-presidência da República na chapa da Aliança Liberal, foi assassinado em Recife em 27 de julho de 1930 — episódio determinante para a eclosão da Revolução de 1930. Epitacinho (como era conhecido) exerceu alguns cargos públicos, com destaque para sua passagem como senador da República pelo estado da Paraíba. O presente artigo tem como objetivo identificar como aconteceu o velório desse ator político, então senador da República no ano do seu falecimento em 1951. Logo, buscaremos analisar o velório para além do seu caráter fúnebre, apontando elementos de *teatralização* e apropriação por parte dos presentes, sobretudo do então presidente Getúlio Vargas. Para isso, utilizamos de fontes fotográficas do evento que estão acessíveis através do Arquivo Nacional, bem como jornais que noticiaram o falecimento. Teórico e metodologicamente, nos apoiaremos em autores como Balandier (1982); Burke (1996) e Ginzburg (1989).

Palavras-Chave: Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque; Paraíba; Teatralização.

ABSTRACT

Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque was born in Rio de Janeiro, on June 22, 1911, son of João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque and Maria Luísa Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. His great-uncle, Epitácio da Silva Pessoa, was president of the Republic from 1919 to 1922. His father, president of Paraíba from 1928 to 1930 and defeated candidate for vice-presidency of the Republic on the Aliança Liberal ticket, was assassinated in Recife in 27 July 1930 - a decisive episode for the outbreak of the 1930 Revolution. Epitacinho, as he was known, held some public positions, with emphasis on his passage as Senator of the Republic in the state of Paraíba. This article aims to identify how this political actor's funeral took place, then Senator of the Republic in the year of his death in 1951. Therefore, we will seek to analyze the funeral beyond its funeral character, pointing out elements of theatricalization and appropriation by those present, especially by then President Getúlio Vargas. For this, we use photographic sources of the event that are accessible through the National Archives, as well as newspapers that reported the death. Theoretically and methodologically, we will rely on authors like Balandier (1982); Burke (1996) and Ginzburg (1989).

Key words: Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque; Paraíba; Theatricalization.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Especializando em História Local pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão em História Local (NUPEHL) da mesma Universidade, sendo ainda mestrando em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Há muito tempo os historiadores já foram levados a refletir e aperfeiçoar a maneira como narram o passado. Nos aproveitando disso, lançaremos mão de dois pontos que as gerações passadas nos legaram: a tentativa de narrar o passado através de fotografias e aqui, em especial, fotografias fúnebres, um campo que vem adquirindo cada vez mais espaço na historiografia brasileira. A fotografia como dispositivo visual surgiu ainda no século XIX e adquiriu funções que a priori não foram pensados para ela, sendo assim, não demorou muito até que fosse utilizada para o registro de pessoas mortas, possibilitando uma tentativa de eternizar o morto, amenizar um pouco da saudade e legar aos familiares uma memória sobre um ente querido.

Com o olhar do historiador, profissional responsável por fazer perguntas e achar respostas, uma fotografia mortuária é ressignificada. Ali, além do morto, outras características saltam aos olhos, sobretudo os vivos, esses sim, capazes de decodificar práticas e revelar relações sociais visíveis e invisíveis, esclarecendo símbolos e possibilitando a reconstrução de um dado passado apoiado numa realidade.

Se o passado pode transpassar uma dada realidade, uma foto não pode representar aquilo que de fato foi, mas sim aquilo que o autor quisera que fosse. Uma fotografia, segundo MAUDAD (1996), “é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica.” (p.3). A mesma autora problematiza as principais questões teóricas acerca do uso da fotografia enquanto fonte para o historiador, nos auxiliando a pensar ainda que entre o objeto fotografado e a maneira como ele aparece na fotografia “interpõe-se uma série de ações convencionalizadas, tanto cultural como historicamente.” (p.4)

A fotografia, sobretudo as que aqui serão analisadas, fruto de um *Estado-Espetáculo*, só podem ser questionadas se vistas à luz das intencionalidades daqueles que as registraram, admitindo que a fotografia é, antes de mais nada, “uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando esta atitude uma relação estreita entre a visão de mundo daquele que aperta o botão e faz ‘clic’.” (MAUDAD, 1996. p.4)

Este texto está inserido em uma perspectiva teórica ligado à História Política em interface com a História Cultural, pois abrange costumes e comportamentos de um evento que não perde de vista seu caráter teatral e, portanto, também político. Para isso utilizaremos autores como Balandier (1982) para pensarmos a *teatralização* e as diferentes maneiras de utilização

daquele evento, assim como metodologicamente pensaremos a partir de Ginzburg (1989) e sua lição de um *método indiciário*, questões que tornaremos a expor ao longo da narrativa.

O evento que será explorado neste trabalho é o velório de Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, nascido no Rio de Janeiro, filho de João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque e de Maria Luísa Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. Exerceu cargos públicos, além de ter ingressado na política e alçado ao posto de senador próximo da sua morte, em 1951. Assim, objetivamos identificar um possível caráter teatral impetrado por Getúlio Vargas em relação ao velório, buscando reafirmar sua posição de “líder” e “pai da nação”.

Assim, o texto completo é composto de três partes, sendo respectivamente: uma breve passagem pela trajetória de Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, a repercussão e as disputas que figuraram sobre sua morte e, por último, uma análise das fotografias do seu velório e enterro, objetivando identificar o caráter teatral na morte do então senador.

As fotografias utilizadas neste trabalho foram todas consultadas através de dois arquivos. Sobre o primeiro, o arquivo pode ser consultado através do *Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN)* sob realização de cadastro, buscando na consulta o nome “Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque” em seguida o Fundo “BR RJANRIO EH.0.FOT”. Utilizaremos neste trabalho seis fotografias que foram realizadas no dia do seu velório, imagens as quais não obtivemos êxito na identificação do fotógrafo, mas os indícios nos levam a crer que se trata de um fotógrafo de governo. O segundo arquivo é o da *Fundação Getúlio Vargas (FGV)*, local onde se encontra o arquivo pessoal de Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, mas que nos limitamos a utilizar apenas uma fotografia, imagem que pode ser localizada no arquivo do *Centro de Documentação e Pesquisa (CPDOC)*. São fotografias que podem ser consultadas por pesquisadores e curiosos, possibilitando-nos uma visita que ressignifica o passado.

2 EPITÁCIO: FILHO, POLÍTICO E AMIGO.



Figura 1: (Fundação Getúlio Vargas)²

A foto acima, retirada do arquivo pessoal de “Epitacinho”, retrata um momento de reunião em Campina Grande durante campanha política para as eleições que ocorreram em outubro de 1950. Epitacinho (vestindo terno branco e gravata borboleta ao lado de Getúlio Vargas) concorrera ao cargo de senador, onde não obteve votação suficiente, sendo superado respectivamente por Rui Carneiro³ e José Pereira Lyra⁴, figuras já conhecidas da política local. Na fotografia, Getúlio Vargas, vitorioso na campanha presidencial daquele ano, aparece no centro da fotografia, tendo ao seu lado direito o então prefeito de Campina Grande, Elpídio Josué de Almeida, foto provavelmente tirada na Associação Comercial de Campina Grande.

² Classificação: ECA foto 019; Série: foto – Fotografias; Tipo: foto (Iconografia) Descrição física: 1 fot.: p&b; 31 x 40cm. Quantidade de documentos: 1

³ Rui Carneiro (Pombal, 20 de agosto de 1906 — Brasília, 20 de julho de 1977) foi um político e advogado paraibano. Engajado na causa da Aliança Liberal, participou da chamada Revolução de 30. Exerceu mandatos como Deputado Federal, Interventor do estado e senador da República.

⁴ José Pereira Lira (Cruz do Espírito Santo, 23 de agosto de 1899 — Rio de Janeiro, 31 de maio de 1985) foi um político e advogado paraibano, tendo exercido duas vezes o cargo de deputado federal, além de outros cargos públicos.

Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, carinhosamente chamado de “Epitacinho”, herdou o nome em referência ao seu tio-avô, Epitácio da Silva Pessoa, então Presidente da República entre os anos de 1919-1922. Epitacinho batizou seu único filho com o nome de João Pessoa Neto⁵ em homenagem ao seu próprio pai, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, político paraibano (então presidente da Parahyba) que foi assassinado por disputas políticas e passionais, considerado por alguns historiadores como o estopim da chamada “Revolução de 30”.

Ator negligenciado, pouco falado na historiografia nacional e paraibana, Epitacinho pode nos ajudar a compreender melhor nuances não só da política paraibana, mas sobretudo da política nacional, essas são questões que voltaremos a tratar posteriormente.

Nascido no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, veio ao mundo em 22 de junho de 1911, tendo como mãe Maria Luísa Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. Na escola primária, estudou no Colégio Santo Inácio e no Colégio Anglo-Americano, dois colégios tradicionais da capital carioca. Aos 21 anos, ainda marcado pela morte do pai, chega à cidade que seu pai foi responsável por mudar o nome: João Pessoa, capital paraibana, antes chamada de Parahyba e rebatizada após a chamada Revolução de 1930. Como comissionado, ocupou brevemente um posto na Força Pública da Paraíba, responsável por combater os revoltosos dos motins constitucionistas de 1932, algo efêmero, tendo logo retornado ao Rio de Janeiro.

Já no Rio de Janeiro, deu continuidade aos seus estudos e assim como muitos de seus familiares se formou em direito pela Faculdade Nacional do Rio de Janeiro em 1937, justamente no ano de implementação do Estado Novo⁶, onde a constituição foi negligenciada e iniciou-se no Brasil uma fase ditatorial do governo Getúlio Vargas, que viria ser posteriormente um amigo pessoal de Epitacinho.

De acordo com as informações colhidas no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), ao longo da breve vida, ainda desempenhou também outras funções⁷ nos departamentos do Estado, além de ter possuído periódicos de cunho trabalhista como o *Folha Trabalhista*, editado na Paraíba, assim como o *Diário Popular*,

⁵ João Pessoa Neto (1938-1985) nascido no Rio de Janeiro Advogado formado no Rio de Janeiro. Suplente de deputado federal pela Paraíba.

⁶ Nome com que é tradicionalmente designado na historiografia brasileira o período ditatorial que, sob a égide de Getúlio Vargas, teve início com o golpe de estado de 10 de novembro de 1937 e se estendeu até a deposição de Vargas, em 29 de outubro de 1945.

⁷ Secretário de Educação do governo da Paraíba. Foi ainda depositário de justiça, oficial do 5º Ofício de Registro Civil, presidente do Banco Nacional de Depósitos e proprietário dos jornais *Folha Trabalhista*, editado na Paraíba, e *Diário Popular*.⁷

A respeito ver: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/albuquerque-epitacio-pessoa-cavalcanti-de>.

editado no Rio de Janeiro, em uma clara sintonia ao modelo de política varguista em voga à época.

Embora nascido no Rio de Janeiro, Epitacinho nunca deixou de estar a par da política da Paraíba, sobretudo porque algumas alas da família Pessoa tentaram projetá-lo como sucessor do seu pai, algo que não ocorreu por motivos inerentes à própria política paraibana, marcada por disputas de forças oligárquicas. Mesmo com as inúmeras desavenças políticas existentes na Paraíba, Epitacinho se filiou ao PTB⁸ e concorreu ao cargo de senador nas eleições de 1947 (a primeira para o cargo pós-redemocratização) tendo sido eleito suplente de senador, ironicamente com o apoio da UDN⁹, algo que demonstra que a lógica de alianças partidárias no Brasil já não é coerente pelo menos desde a primeira metade do século XX, haja vista os projetos antagônicos de país entre as duas siglas.

Assumiu o seu mandato de maneira interina a partir de 1950, tomando posse de maneira definitiva apenas em março de 1951, apenas cinco meses antes da sua morte, marcando uma carreira política breve, sem notoriedade, porém, ao mesmo tempo, podendo ter exercido a tarefa de articulador político de Getúlio Vargas durante muitos anos, sobretudo após o início do Estado Novo.

Em vida, legou à posteridade quatro obras de cunho político e memorialista: *Getúlio Vargas e o Brasil após 30*¹⁰, *Desmascarando um mistificador*¹¹, *João Pessoa: o sentido de uma vida e de uma época* e, por último, *Getúlio Vargas: esboço de biografia*, com sua primeira edição lançada através do Departamento Nacional de Propaganda em 1937, texto ao qual voltaremos a tratar em momento oportuno.

3 A MORTE DE EPITACINHO: REPERCUSSÃO

⁸ Com o aprofundamento da crise do Estado Novo e o início do processo de redemocratização do país, abriu-se um espaço para o surgimento de novos partidos políticos. Nessas circunstâncias, a partir da promulgação do Ato Adicional nº 9, em 28 de fevereiro de 1945, determinando que no prazo de 90 dias seria baixado um decreto fixando a data das próximas eleições presidenciais, estaduais e municipais, começou-se a articular a criação do Partido Trabalhista Brasileiro sob a inspiração do próprio presidente Getúlio Vargas. Segundo Alzira Vargas do Amaral Peixoto, o PTB, na concepção de Vargas, “destinava-se a ser um anteparo entre os verdadeiros trabalhadores e o Partido Comunista — que tinha então voltado à legalidade. Os trabalhadores não se filiariam ao PSD [Partido Social Democrático] nem à UDN [União Democrática Nacional]. Iriam com mais facilidade engrossar os quadros do comunismo. O PTB, sendo dos operários, um veículo para que eles possam expressar seus anseios e suas necessidades, servirá ao mesmo tempo de freio contra o comunismo e de acicate para o PSD”. A respeito ver: <http://fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-trabalhista-brasileiro-1945-1965>.

⁹ A União Democrática Nacional, fundada a 7 de abril de 1945 como uma “associação de partidos estaduais e correntes de opinião” contra a ditadura estadonovista, caracterizou-se essencialmente pela oposição constante a Getúlio Vargas e ao getulismo. Embora tenha surgido como uma frente, a UDN organizou-se em partido político nacional, participando de todas as eleições, majoritárias e proporcionais, até 1965. A respeito ver: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/uniao-democratica-nacional-udn>.

¹⁰ Conferência pronunciada no Teatro Stº Isabel, em Recife, a 10 de novembro de 1941, nas comemorações do 4º aniversário do Estado Novo.

¹¹ Denúncia apresentada ao Sr. Presidente da República, contra os erros e desmandos do Sr. Argemiro de Figueiredo, na Interventoria da Paraíba.



Figura 2: (A Última Hora, 24 de agosto de 1951)

A morte de Epitacinho repercutiu por diversos dias perante o Rio de Janeiro, sobretudo por conta dos burburinhos de que havia ali um assassinato cometido pela sua esposa, Ana Clara Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, algo que fora explorado também pela imprensa, na tentativa de vender mais exemplares às custas da polêmica. Sobre isso, o então proprietário do jornal *A Última Hora*, Samuel Wainer¹² conta que:

Em agosto de 1951, o senador Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, filho de João Pessoa – o ex-governador da Paraíba cujo assassinato precipitara a Revolução de 1930 –, apareceu morto em sua casa no Rio de Janeiro. Epitacinho era bastante amigo de Getúlio Vargas, e o hospedara por alguns dias antes de assumir a Presidência. Começaram a circular pela cidade rumores de que Epitacinho fora envenenado por sua mulher, por questões de herança. Eu tinha repugnância por fatos policiais e, até então, negava-me a dar-lhes destaque na Última Hora. Mas aquela história caíra na boca do povo e começava a tomar proporções incontroláveis. O velho Malta procurou-me:

- Precisamos dar alguma coisa sobre isso.
- Achei a idéia maluca.
- Epitacinho era meu amigo, amigo de Getúlio – ponderei.
- A cidade inteira só fala nesse caso, isso venderia muito – retrucou Malta.

¹² Samuel Wainer, (Edinet, 19 de dezembro de 1910 — São Paulo, 2 de setembro de 1980) foi um jornalista e empresário russo-brasileiro, fundador, editor-chefe e diretor do jornal Última Hora.

(...) No dia seguinte, publiquei a primeira manchete policial da história da Última Hora: 'Epitacinho teria morrido envenenado'. Foi uma bomba. Aumentamos a tiragem para 25.000 exemplares, que se esgotaram em poucas horas. Seguimos explorando o caso por alguns dias e incorporamos outros milhares de leitores. (WAINER, 1993, p.149-150).

A polêmica em relação a morte do senador ocorreu em meio a duas questões: a tradicional empresa de seguros Sul-América se recusou a pagar o "prêmio" de 500mil cruzeiros à viúva do senador, pois "aquela companhia lhe fez chegar às mãos um formulário, no qual os médicos assistentes deveriam precisar a causa-mortis e dar outros informes julgados indispensáveis pelo seguradores. O formulário em apreço foi enviado ao Dr. Genival Londres, médico assistente há muitos anos do senador paraibano, o qual se recusou a preenchê-lo, como anteriormente se havia recusado a assinar o atestado de óbito."¹³ A recusa no preenchimento do formulário gera a segunda polêmica em torno da sua morte: o então médico da família, Dr. Genival Londres, enviou carta fechada à família do então senador explicando algumas causas da morte e, segundo ele

o senador teve uma primeira crise, em um sábado, com o aspecto de envenenamento. Entretanto, os sintomas rapidamente desapareceram e 24 horas depois voltava o senador às suas atividades normais. Na quinta-feira seguinte - cerca de 50 horas antes de seu passamento - voltou o senador Epitacio a Gualberto e, antes de retirarem sentiram-se novamente mal, tendo os médicos - segundo a carta - aconselhado sua internação, conselho que não foi seguido. Na noite de sexta-feira, vários amigos - entre eles médicos - estiveram com o senador, tendo o Dr. Aluisio Marques administrado recursos médicos ao doente. Ali também esteve até cerca de meia-noite o Dr. Otacilio. Os médicos comunicaram ao Dr. Genival Londres que o paciente dormia. E acrescentaram que teriam insistido com a senhora Ana Clara para ali permanecerem até a manhã seguinte, com o que a senhora não concordou. Nada mais teria sabido o Dr. Genival a respeito de seu paciente, até que, na manhã seguinte, a família mandara pedir ao Dr. Aluisio Marques o atestado de óbito, pois o senador Epitácio havia falecido às 4h da madrugada sem nenhuma assistência médica. O Dr. Aluisio Marques atestou, então, falecimento por tétano, em vista das características que o morto apresentava. (LONDRES, 1951, p.7)

Por fim, outras dúvidas começaram surgir em relação ao óbito do senador, uma delas era um possível envenenamento por "estriquinina"¹⁴

O alarde causado pela imprensa e a reputação da viúva posta em cheque por toda sociedade carioca levaram a "Sra. Clara Pessoa Cavalcanti de Albuquerque a enviar uma petição ao chefe de polícia solicitando a exumação do corpo para os competentes exames."¹⁵ Depois de

¹³ A Noite, 24 de agosto de 1951, p.7.

¹⁴A estriquinina é um alcalóide cristalino muito tóxico. Foi muito usado como pesticida, principalmente para matar ratos. Porém, devido à sua alta toxicidade, não só em ratos, mas em vários animais e também o homem, o seu uso é proibido em muitos países.

¹⁵A Noite, 24 de agosto de 1951, p.7.

ter solicitado a opinião de Danton Coelho¹⁶ - amigo da família - além de outro amigo próximo, o Sr Henrique La Rocque Almeida¹⁷, o pedido chegara prontamente às 15 horas, na tarde do dia vinte e quatro de agosto, ao então chefe de polícia do Rio de Janeiro, general Ciro Rezende. Sobre o fato, o militar aponta que "Recebi uma petição da senhora Ana Clara Pessoa Cavalcanti de Albuquerque que, em fase de uma carta lhe foi dirigida pelo médico Genival Londres, solicita providências a esta chefia para elucidar a morte suspeita do saudoso político paraibano. Trata-se, como se vê, de um caso delicadíssimo, de sorte que tomei as primeiras medidas em caráter sigiloso. O inquérito será feito com o máximo rigor por um delegado que será escolhido especialmente para tal fim. A respeito, nada mais posso dizer."¹⁸

4 A DESPEDIDA TEATRALIZADA: DO VELÓRIO AO ÚLTIMO ADEUS

"Há na personalidade do Sr. Getúlio Vargas um flagrante contraste entre o homem que aparenta ser e o ritmo da consciência que nele existe. Fisicamente impregnado de uma bonhomia¹⁹ contagiante, afável de gestos, tranquilo de uma tranquilidade nada artificial, que impressiona a quem dele se aproxima, o imenso potencial do seu espírito tem de necessariamente desorientar a qualquer tentativa de análise que procurar compreendê-lo em função de sua personalidade física." (ALBUQUERQUE, 1941, p.227)

Cena. Para o campo do teatro, corresponde a área que contém os cenários em que artistas se exibem diante do público. Ainda de acordo com ele, a cena pode ser uma situação ou passagem de uma peça ou de uma representação. É bem este o enredo que aqui é explorado. Para esboçar o pensamento aqui proposto, nos apoiaremos em Balandier (1982) e seu pensamento acerca do político. Para o autor, "o poder é concebido como um jogo dramático que permanece ao longo dos tempos e ocorre em todas as sociedades.", constituindo uma verdadeira *teatrocracia*.

Segundo o Jornal carioca *A Noite*, na edição de 24 de agosto de 1951, vinte dias após a morte do senador, detalhes da morte são revelados:

O Atestado de Óbito

¹⁶ Danton Coelho (Porto Alegre, 3 de novembro de 1906 — Rio de Janeiro, 19 de abril de 1961) foi um político brasileiro. Foi ministro do Trabalho, Indústria e Comércio no governo Getúlio Vargas, de 31 de janeiro a 5 de setembro de 1951.

¹⁷ Henrique de La Rocque Almeida (São Luís do Maranhão, 8 de agosto de 1912 — Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1982) foi um advogado, jornalista e político brasileiro, atuou como técnico de administração no Ministério da Fazenda, iniciando a função em 1934, além de ser também jornalista, cobrindo o cotidiano do Supremo Tribunal Federal (STF).

¹⁸ *A Noite*, 24 de agosto de 1951, p.7.

¹⁹ Em espanhol significa simplicidade, bondade e honestidade em uma mesma pessoa, natureza amigável. A respeito ver: <https://pt.significadode.org/bonhomia.htmSimplicidade>.

E do seguinte teor o atestado de óbito do senador Eptácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, conforme registro feito no cartório da Quinta Circunscrição, de que era titular: "... certifica que revendo o livro de óbitos n° 188, à fis. 162v, sob o n° 37.364, consta o de Eptácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, do sexo masculino, de cor branca, com 40 anos de idade, natural desta capital, casado com Ana Clara Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, advogado, residente o falecido à rua Antenor Rangel n° 210, nesta capital. O óbito ocorreu às 4 horas e 30 minutos do dia 4 de agosto de 1951. Foi causa da morte: doença psicossamatica, neuroviroso, síndrome, espamoglica cefalica, conforme atestou o Dr. Aluizio Marques e foi sepultado no cemitério de São João Batista. O falecido era filho de João pessoa Cavalcanti de Albuquerque e Maria Luiza Gonçalves Cavalcanti de Albuquerque: deixa um filho menor, deixa bens, ignorado se fez testamento. Foi declarante Oscar Feliz da Silva. Eu Leonor Rodrigues, escrevente juramentado, datilografei. O referido é verdade e dou fé. Distrito Federal, 4 de agosto de 1951. (A Noite, 24 de agosto de 1951).

Sobre as imagens que serão analisadas a seguir, além da teóricos já citados, utilizaremos metodologicamente Carlo Ginzburg (1989) a partir do texto “raízes: sinais de um paradigma indiciário” onde nos propõe uma ótima lição de método. Ao escrever sobre o caçador, o autor aponta que “[...] teria sido o primeiro a ‘narrar uma história’ porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos” (p.152).

Se é certo que o caçador precisa agachar-se à lama para escutar as pistas da presa, a metáfora é válida para o exercício da escrita da história, pois se debruçando sobre os arquivos e percebendo os detalhes mais imperceptíveis é que se permite a tentativa de resgatar um dado passado, muitas vezes angariando fontes que a priori não mostram seu valor, mas que o exercício de cotejamento as revelam indispensáveis à análise.

O atestado de óbito retrata aquilo que fora a morte de Eptacinho, uma morte repentina, sem alguma doença que o deixasse em enfermo por muito tempo, a morte veio como uma visita inesperada o fez partir aos 40 anos de idade. A precoce morte do então senador provocou comoção e levou algumas dezenas de pessoas ao momento de despedida. As imagens a seguir retratam o velório do então senador:



Figura 3: (Arquivo Nacional)²⁰

A primeira imagem do velório do senador paraibano reúne uma parte da sociedade carioca que, vestidos à caráter, compareceram para a despedida. Pela fotografia é possível perceber um espaço amplo, se trata da própria casa do senador, localizada na rua Antenor Rangel, n° 210²¹, no bairro da Gávea, como já fora mostrado anteriormente no seu atestado de óbito. O espaço enorme, típico das casas de meado do século XX, mostram homens e mulheres conversando tranquilamente, provavelmente a espera do corpo, enquanto uma criança ao centro da imagem parece entreter-se com o ato do fotógrafo.

²⁰ BR RJANRIO PH.0.FOT.7603 – Dossiê.

²¹ Atualmente o espaço comporta a Sociedade Germania do Rio de Janeiro.

Ao analisarmos a *Figura 3*, não é possível perceber a presença do então presidente Getúlio Vargas no meio das milhares de pessoas. Talvez ainda não tivesse chegado, talvez estivesse em outro cômodo do lugar, mas o certo é que ali, em meio ao povo, não era o lugar ideal para que ele aparecesse. O momento da cena ainda estava por vir. Em outra fotografia, é possível perceber um momento mais sensível, em que as pessoas já estão próximas ao caixão prestando suas últimas homenagens:



Figura 4: (Arquivo Nacional)²²

Assim como o garoto anteriormente, o fotógrafo também chama a atenção de três homens no primeiro plano da fotografia, enquanto as demais pessoas expressam semblantes variados, oscilando entre a seriedade e a tristeza. Ao lado do caixão, uma mulher leva as mãos ao rosto, é a viúva de Eptacinho, Ana Clara Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, em prantos com a perda repentina do marido, possivelmente ainda mais abalada com os rumores de que tivera assassinado seu então esposo. Os homens que estão em volta se esforçam para prestar consolo à viúva, provavelmente sendo acalmada com um copo de água ou chá.

²² BR RJANRIO PH.0.FOT.7603 – Dossiê.

A fotografia se mostra de difícil visualização, aqueles que deveriam protagonizar a cena estão distantes e aparecem somente em terceiro plano. Aliás, esse olhar distante se repete em outras imagens do evento, o fotógrafo que não conseguimos identificar parece propositalmente querer manter-se afastado, com exceção da *figura 5*.

De acordo com (BURKE, 1996), a utilização de imagens dos governantes contemporâneos segue uma lógica inspirada nos reis e na maneira como suas representações foram construídas ao longo tempo. No entanto, os tempos modernos tornaram essas imagens mais sutis. Ao analisar imagens, o autor aponta uma categoria específica de imagens, aquelas produzidas para formular ideias. Ou, no caso aqui retratado, reforçar imaginários. Assim, caso emblemático retratado pelo autor é "a imagem de Jânio Quadros, recém-eleito presidente do Brasil em 1961, segurando uma vassoura para simbolizar o desejo de varrer a corrupção não foi apenas o aproveitamento oportuno de uma imagem televisiva, mas o reviver de uma velha tradição." (p.75)

Sobre a construção da imagem de Getúlio Vargas como "pai dos pobres" ou líder suficientemente capaz de resolver os problemas do país, podemos perceber que foi amplamente alimentada pelo Departamento Nacional de Propaganda (DNP) que se transformou posteriormente no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) durante o Estado Novo. Assim, a criação do órgão passou a regular e representar o máximo de expressão cultural, social e política que o Brasil desejara naquele período.

Não é o caso de debater quais os resultados alcançados pelo DIP, mas de compreender que a máquina de propaganda getulista sempre foi algo muito presente enquanto esteve à frente da Presidência da República, independente do período em que ocupou o cargo. Portanto, cabe ao historiador a tarefa de "olhar para estátuas reais ou 'retratos de estado' não como imagens ilusionistas de indivíduos como pareciam na época, mas como teatro, como representações públicas de um eu idealizado." (BURKE, 1996, p.85)

Na continuação do velório, Getúlio Vargas enfim aparece:



Figura 5: (Arquivo Nacional)²³

Ao versar sobre imagens de líderes no século XX, Burke lança mão da expressão “*organização da imagem*” para pensar como a fotografia foi milimetricamente calculada por líderes de Estado, de Hitler a Stalin, uma produção por trás da fotografia que permite, como já dissemos anteriormente, ratificar imaginários já construídos em dada sociedade. Essas são características da foto acima.

As informações técnicas das fotos do Arquivo Nacional são escassas, limitando-se a apontar que se trata de uma foto com dimensões de 6x9, ou seja, uma foto de tamanho comum. Além disso, a foto foi tirada de uma câmera Kodak, tendência da época. O click da foto certamente veio de um fotógrafo do governo, tendo em vista alguns elementos que podemos chamar atenção.

O primeiro deles é que o morto, embora esteja em primeiro plano na foto (onde não ocupa mais do que 20% da imagem total) não representa o foco da fotografia, as atenções estão voltadas à Getúlio Vargas, responsável por sustentar a viúva aos prantos, como um porto seguro em um momento de tanta dor para a família. As pessoas na foto estão nitidamente abatidas e algumas delas, tal qual o fotógrafo, parecem olhar atentamente para a cena do abraço. Entre

²³ BR RJANRIO PH.0.FOT.7603 – Dossiê.

essas pessoas está também o filho de Epitacinho, João Pessoa Neto, aos 13 anos de idade, única criança na fotografia, com olhos marejados pela perda do pai.

Enquanto Getúlio Vargas não está presente o fotógrafo não faz questão de ir ao centro do salão fotografar, acompanha tudo com uma certa distância, o fato da morte se torna secundário, porém com a chegada do então presidente o retratista entra na cena. Se aproxima e ao fotografar os rostos são melhores vistos, os semblantes ganham ênfase.

Balandier (1982) aponta que o domínio do político é aquele em que “tudo se sustenta apenas por magia” fazendo com que sejam impactados “os dispositivos simbólicos, as práticas fortemente codificadas segundo as regras do ritual, o imaginário e suas projeções dramatizadas. É através desses artifícios que se efetua o domínio da sociedade.” (p.1).

É difícil precisar qual o alcance da circulação dessas fotos, mas em plena década de 1950, o avanço da tecnologia foi capaz de mudar a maneira de produção das imagens políticas, sobretudo as fotografias. Ainda segundo o autor, “elas podem ser fabricadas em grande quantidade, por ocasião ou acontecimento [...] Elas adquirem, graças aos meios audiovisuais e à imprensa escrita, uma força de irradiação e uma presença que se não se encontram em nenhuma das sociedades anteriores.” (BALANDIER, p.51).

Constitui-se, portanto, como uma *tecnologia do simbólico*. Essa tecnologia, segundo SCHWARTZENBERG (1978), no livro *O Estado-Espetáculo*, permite pensar que se antes a tentativa de persuasão de uma sociedade se dava por meios discursivos, esses meios não foram descartados, mas ganharam o adendo do recurso audiovisual, criando “personagens que captam a atenção e sacodem a imaginação; eles têm empregos em um repertório em que representam o herói.” Assim, na foto passada, Getúlio se mostra como esse herói apontado pelo autor (p.53).

Um outro aspecto dessa foto que se mostra importante problematizar é como a foto foi estrategicamente pensada pelo fotógrafo, pois haviam vários ângulos que permitiriam que ela fosse captada, porém ela foi montada a dedo, vejamos, por exemplo, um elemento importante da fotografia:



Figura 6 (recorte nosso): Arquivo Nacional.²⁴

Esse é um recorte da *Figura 5*. No quadro acima está exposta a figura de João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, pai de Epitacinho e figura determinante na Revolução de 30 e consequente ascensão de Getúlio à Presidência da República. João Pessoa se tornou mais do que nome de cidade a nível local, se transformou em praças e ruas por todo o Brasil, um verdadeiro símbolo da Aliança Liberal e do projeto “popular” de “ruptura” com uma “velha república”. Getúlio Vargas sempre teve um apreço por Epitacinho, podendo-se dizer até que fora responsável por parte da vida política e pelo mínimo prestígio que Epitacinho alcançara na carreira política.

Uma fotografia que indica uma enorme possibilidade de ter sido montada da forma como fora retratada, pois é tudo muito simbólico: o choro, o abraço, a figura de João Pessoa que os une, além da posição em que Getúlio Vargas aparece, sem tapar o quadro, estrategicamente juntos.

No evento do dia quatro de agosto de 1951 tudo permaneceu como sempre foi: Getúlio Vargas ao centro, como um líder, sob os olhos atentos de João Pessoa, que “viu” seu filho ser um coadjuvante da sua própria despedida, alimentando ainda mais a máquina de propaganda varguista.

Uma outra fotografia do evento pode ser observada:

²⁴ BR RJANRIO PH.0.FOT.7603 – Dossiê.



Figura 7: (Arquivo Nacional)²⁵

Nessa imagem, é possível perceber um ângulo superior, quase panorâmico, possibilitando registrar vários olhares daqueles presentes no local, onde a maioria são homens de meia idade. Neste caso, Getúlio Vargas está de frente para os pés do morto e ao lado de João Pessoa Neto, que parece chorar enquanto provavelmente acompanha as palavras de Getúlio Vargas, pois embora sua boca esteja encoberta, muitas pessoas olham para o presidente. Ao analisarmos a *Figura 7*, percebemos que Getúlio Vargas está do outro lado em relação a *Figura 5*, pois não é possível perceber na última foto o quadro que está atrás do presidente, algo que o fotógrafo não deixou de captar em momento oportuno.

Nas *Figuras 8 e 9* a seguir, os presentes carregam o corpo já em caixão fechado rumo à sepultura, são as últimas imagens registradas daquele fatídico dia em que Epitacinho fora sepultado:

²⁵ BR RJANRIO PH.0.FOT.7603 – Dossiê.



Figura 8: (Arquivo Nacional)



Figura 9: (Arquivo Nacional)

O último adeus é cercado de comoção, milhares de pessoas que participaram do velório partiram rumo ao cemitério onde o corpo foi sepultado e puderam se despedir de Eptacinho. O sepultamento ocorreu no então cemitério São João Baptista²⁶, no bairro do Botafogo, Rio de Janeiro. O lugar ficara marcado por receber os corpos de pessoas públicas e políticas desde o império, abrigando, portanto, o então senador, algo que mostra o caráter “opulente” do acontecimento.

Na *Figura 9* é possível perceber o cuidado com o qual o caixão é levado até a sepultura por homens que se revezam na difícil tarefa, no entanto não foi possível identificar os rostos que aparecem nas fotografias, sugerindo que se tratam de pessoas consideradas comuns, ou mesmo correligionários políticos.

Ao prefaciá a biografia de João Pessoa (escrita por Eptacinho), Getúlio Vargas, ao referir-se a morte do então biografado, encerra seu prefácio apontando que "para a vitória de um ideal, nem sempre é preciso matar: basta, às vezes, que, se saiba morrer." (ALBUQUERQUE, 1979, p.16).

Ao escrever essa frase, Getúlio Vargas desafia a lógica da morte enquanto o fim. Nas fotografias analisadas o então presidente parece demonstrar o uso da frase. Nas últimas duas imagens Getúlio Vargas já não aparece, não enterra o amigo, já havia cumprido seu papel: extrair da morte o reforço da sua imagem de "pai que ampara".

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou uma ampliação do debate acerca das dimensões políticas alçadas sobre determinados acontecimentos, inclusive um velório. Eptácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, figura pouco visibilizada na memória e na historiografia, teve sua morte revisitada e contada à luz da *teatralização*.

Acreditamos que o conjunto das fotografias do velório de Eptacinho nos permite concluir que há uma relação de poder imposta sobre o acontecimento, ao qual o então Presidente da República, Getúlio Vargas, parece tomar proveito para um possível reforço da sua imagem. Essa ideia de reforço da sua imagem é, portanto, uma iniciativa endossada pela máquina estatal,

²⁶ Foi possível identificar o cemitério através de consulta pelo Google Steet View, sendo o cemitério São João Baptista o primeiro da América Latina a poder ser consultado através da ferramenta.

corresponde a um esforço institucional que buscara, antes de mais nada, maximizar seu capital político.

Assim, as fotos produzidas não são desprovidas de sentido, muito pelo contrário, servem para ratificar o imaginário de “salvador” que Getúlio Vargas alimentou durante o tempo que esteve à frente da presidência. Além disso, percebe-se também uma relação familiar, já que a família Pessoa de Queiroz participou ativamente da Revolução de 1930, estreitando laços com o Getúlio Vargas e o varguismo, passível de ser observado também através do quadro de João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque na figura 5, fotografado estrategicamente à serviço da teatralização. O mesmo pode-se dizer das fotografias em que aparecem Ana Clara Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, são retratos que carregam um certo clima de tensão, certamente pelas acusações de ter assassinado Epitacinho, algo que se mostrou improvável a posteriori.

A problematização realizada a partir das imagens é fruto da hermenêutica imposta sobre as fontes, tarefa fundamental para o historiador. Assim, esse artigo não é uma palavra final sobre o acontecido, mas sim uma possibilidade a mais de visualização de um evento. Esperamos que outros trabalhos acadêmicos sobre a temática surjam e possam colaborar com a História Local, assim como pretendemos que este humildemente o tenha feito.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Epitácio Pessôa Cavalcanti de. *Getulio Vargas: esboço de biografia*. 1941. 2º edição. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro. 251p.

ALBUQUERQUE, Epitácio Pessôa Cavalcanti de. *João Pessoa: o sentido e vida de uma época*. 1979. 2º edição. Livraria Acauã. Paraíba. 176p.

BALANDIER, Georgies. *O Poder em Cena: pensamento político*. Editora da Universidade de Brasília. 88p.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular*. EDUSC. São Paulo. 238p.

GINZBURG, Carlo. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” IN *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

MAUAD, Ana Maria. *Através da imagem: Fotografia e História interfaces*. Tempo, Rio de Janeiro, Vol.1, nº2, 1996, p.73-98.

SCHWARTZENBERG, Roger Gerard. *O Estado Espetáculo*. 1979.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**. 15ª Edição. Rio de Janeiro: Record. 1993, p. 149-150.

Fontes

Fotografias

Figura 1: Fundação Getúlio Vargas (FGV). Classificação: ECA foto 019; Série: foto – Fotografia: p&b; 31 x 40cm.

Figura 3: Arquivo Nacional (AN). Código de referência: BR RJANRIO EH.0.FOT, PPU.174 - Dossiê. Fotografia: p&b: 9x12.

Figura 4: Arquivo Nacional (AN). Código de referência: BR RJANRIO EH.0.FOT, PPU.174 - Dossiê. Fotografia: p&b: 9x12.

Figura 5: Arquivo Nacional (AN). Código de referência: BR RJANRIO EH.0.FOT, PPU.174 - Dossiê. Fotografia: p&b: 9x12.

Figura 6: Arquivo Nacional (AN). Código de referência: BR RJANRIO EH.0.FOT, PPU.175 - Dossiê. Fotografia: p&b: 9x12.

Figura 7: Arquivo Nacional (AN). Código de referência: BR RJANRIO EH.0.FOT, PPU.175 - Dossiê. Fotografia: p&b: 9x12.

Figura 8: Arquivo Nacional (AN). Código de referência: BR RJANRIO EH.0.FOT, PPU.175 - Dossiê. Fotografia: p&b: 9x12.

Figura 9: Arquivo Nacional (AN). Código de referência: BR RJANRIO EH.0.FOT, PPU.175 - Dossiê. Fotografia: p&b: 9x12.

Periódicos

Jornal A Última Hora (24 de agosto de 1951, p.1).

Jornal A Noite (24 de agosto de 1951, p.13).